

2

CAPÍTULO

A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL EM FEIRA DE SANTANA: O EFEITO DAS COMUNIDADES DE PRÁTICAS⁷

Norma da Silva Lopes (Universidade do Estado da Bahia)*

*Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB).

Lopes, Norma da Silva; "A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL EM FEIRA DE SANTANA: O EFEITO DAS COMUNIDADES DE PRÁTICAS", p. 29-44 . In: Sobral, Gilberto Nazareno Telles; Lopes, Norma da Silva; Ramos, Jânia Martins. **Linguagem, Sociedade e Discurso**. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-117-6, DOI 10.5151/9788580391176-0002

⁷ Texto resultado de parte da pesquisa realizada em estágio PNPd, financiado pela CAPES.

Introdução

O português brasileiro faz a concordância nominal de número no sintagma nominal de forma diferente do português europeu. Enquanto no português europeu a marca de plural ocorre em todos os elementos flexionáveis do sintagma (exemplo 1) em praticamente todos os falantes e contextos, isso não acontece no português brasileiro, em que a escolha recai, em muitos casos, sobre a variante zero (exemplo 2).

(1) aS minhaS filhaS do céu aqui (SAB⁸, FRA)

(2) Malmente oS donoØ da casa que tem que fazer (SAB, CA)

⁸ Dado retirado das entrevistas do projeto A língua portuguesa no Semiárido Baiano.

Scherre (1988), Lopes (2011), dentre outros, identificaram grupos de fatores que favorecem a concordância padrão (marca –S nos elementos flexionáveis do sintagma), entre eles a <posição relativa>, a <saliência fônica>, as <marcas precedentes> -variáveis linguísticas -e a <escolaridade>, a <faixa etária> - variáveis extralinguísticas. Neste texto, busca-se relacionar a escolha da variante a experiências de vida, viagens, expectativas de vida, visão de mundo, traços relacionados a comunidades de práticas que os falantes vivenciam no seu dia a dia. Observa-se a fala popular na zona urbana de Feira de Santana, com a utilização de dados das entrevistas gravadas do projeto ‘*A língua portuguesa no semiárido baiano*’.

1. A comunidade estudada: a cidade de Feira de Santana

Feira de Santana localiza-se no chamado Polígono das Secas. Por ficar entre o sertão e a costa, há nesse município chuvas moderadas no inverno, vindas do Oceano Atlântico, e trovoadas no verão, que se originam no sertão. Seu clima é tropical semiárido, com temperatura média anual de 24°C, com período de chuvas entre abril a julho e entre setembro a dezembro. A Princesa do Sertão, como é chamada, possui uma população de 584.497 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2006. Faz limites, ao Norte com Santa Bárbara, Candeal e Tanquinho; ao Sul, com São Gonçalo dos Campos e Antonio Cardoso; a Leste, com Santanópolis, Coração de Maria e Conceição do Jacuípe; a Oeste, com Ipecaetá, Anguera e Serra Preta.

Situa-se a 93km de Salvador, a capital do estado da Bahia, indo pela BR-324, e é considerada o 2º maior polo comercial e a 2ª maior cidade da Bahia. Possui um centro industrial, o Subaé, onde estão instaladas empresas de grande porte, como Pneus Pirelli, Cervejaria Kaiser, Siemens, Química Geral do Nordeste, Nestlé, que geram muitos empregos diretos e indiretos. Destacam-se em Feira de Santana os segmentos de assistência médica, educação e transporte no setor de serviços. O setor comercial é muito importante para a economia do município, pois gera muitos empregos e renda. Quanto à educação, Feira de Santana possui a Universidade Estadual de Feira de Santana, com muitos cursos de graduação e de pós-graduação *latu e strictu senso*, além de contar com inúmeras faculdades particulares.

Por encontrar-se no entroncamento com as principais rodovias BR-101, BR-116 e BR-324, possui uma localização estratégica, pois funciona como um ponto de ligação para o tráfego que vem do Sul e do Centro Oeste em direção a Salvador e outras importantes cidades nordestinas.

1.1 O projeto a língua portuguesa no semiárido baiano

Idealizado e implementado por Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide Oliveira Novais Carneiro, ambas professoras da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, o projeto A língua portuguesa no semiárido baiano vem, desde 1996 (ALMEIDA, 2013), constituindo vários *corpora* e pesquisando a língua falada na região, contribuindo para o conhecimento das origens e das características do português brasileiro. (ALMEIDA e CARNEIRO, 2014)

Incluíram-se, inicialmente, na constituição das amostras e na constituição dos *corpora* falantes das zonas rurais dos municípios de Caem (Anselmo da Fonseca), Rio de Contas, Jeremoabo e Feira de Santana. Posteriormente, foi incluída a zona urbana de Feira de Santana, objeto do presente estudo.

Na pesquisa apresentada neste texto, foram observados os usos linguísticos de 24 entrevistas de falantes da zona urbana de Feira de Santana, que compõem o projeto A língua portuguesa no Semiárido Baiano, 12 homens e 12 mulheres, igualmente distribuídos em dois níveis de escolaridade, gravados entre os fins dos anos 1990 e na década de 2000.

2. A teoria

O objeto de estudo da sociolinguística é a variação linguística, presente na fala viva em seu contexto real, não a língua apenas idealizada, objeto de outros tipos de estudo. Essa ciência estuda fatos linguísticos propriamente ditos em seus contextos e tem como preocupação explicar a variabilidade linguística e sua relação com diversos fatores (linguísticos e sociais) e a interferência dessa variação na mudança linguística. A sociolinguística considera a heterogeneidade não só comum, mas como uma situação natural ou normal da língua, conforme se pode conferir em Labov (1983, p. 259):

“... nos últimos anos, temos chegado a nos dar conta de que esta é a situação normal: que a heterogeneidade não só é comum senão que é o resultado de fatores linguísticos básicos. O que sustentamos é que a ausência de variação estilística e de sistemas de comunicação multiestratificados é que resultaria disfuncional.”

Segundo Labov (1982, p. 17), a heterogeneidade, objeto do estudo sociolinguístico, é vista como uma heterogeneidade ordenada. Sendo parte integrante da economia linguística da comunidade, é necessária para satisfazer as demandas linguísticas da vida cotidiana e deve ser entendida como distinta da variação livre.

A ocorrência de variantes relaciona-se a traços do ambiente interno e a características externas, do falante e da situação (estilo contextual, *status* e mobilidade social, etnicidade, sexo, idade). Segundo Labov (1982, p. 18), os estudos demonstram como a escolha de variantes identifica o falante, seu grupo social, sua faixa etária, sexo etc. Labov (1983, p. 31) afirma que as pressões sociais operam continuamente sobre a linguagem, não desde um passado remoto, mas como uma força imanente que atua constantemente no presente⁹.

Na visão de Eckert (2012)¹⁰, apud Freitag (2014), das três ondas da sociolinguística, ou três tipos de abordagens sociolinguísticas, considera-se que a primeira onda corresponde à sociolinguística laboviana, a mais conhecida, que tem como objeto de estudo a comunidade de fala. A segunda onda é de base etnográfica e tem como foco comunidades menores e objetiva identificar categorias sociais que são salientes na comunidade. Na terceira onda, o interesse atinge também as comunidades de práticas, grupo de pessoas que se engajam em alguma iniciativa e, ao longo do engajamento, a comunidade de prática desenvolve práticas. E essas práticas envolvem uma orientação compartilhada para o mundo ao seu redor. Freitag (2014) chama a atenção para a necessidade de os estudos sociolinguísticos não ficarem restritos a comunidades de fala, e se voltarem também para comunidades de práticas, em um tipo de estudo sociolinguístico que

⁹ “las presiones sociales están operando continuamente sobre el lenguaje, no desde un punto remoto del pasado, sino como una fuerza social inmanente que actúa en el presente vivido”.

¹⁰ ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, 2012.

busque dar espaço a ‘microuniversos’, um novo ajuste de pesquisa, “que pressupõe grupos de indivíduos em interação engajados em torno de um foco de interesse que os leva a buscar a aprendizagem e o aprimoramento das habilidades”. A respeito desse tipo de abordagem, a autora diz que

Enquanto na abordagem sociolinguística macro [sociolinguística quantitativa laboviana], o protocolo de coleta de dados requer a realização de entrevistas sociolinguísticas com informantes selecionados aleatoriamente de acordo com perfis pré-definidos que constituem as células sociais da amostra da comunidade de fala (homogênea), a abordagem sociolinguística micro requer uma abordagem de natureza etnográfica, com a observação e a documentação de interações de todos os indivíduos que compõem a comunidade de práticas, uma vez que a estratificação de comunidades de práticas é heterogênea.

Freitag (2014) fundamenta-se em Eckert (2012), que apresenta as bases da Terceira Onda da Sociolinguística, e objetiva estudos que contemplem relações sociais não explicitadas na sociolinguística de base apenas quantitativa. Comparando as duas abordagens, a autora apresenta o Quadro 1, que sumariza os dois tipos de análises.

Quadro 1: Comparação entre as abordagens de comunidade de fala e comunidade de práticas.

Abordagem de comunidade de fala	Abordagem de comunidade de práticas
- estratificação baseada em fatores sociodemográficos amplos	- estratificação baseada em valores localmente estabelecidos
- distribuição homogênea, tanto quanto ao tamanho quanto às categorias controladas	- distribuição variável, definida caso a caso
- categorias definidas a priori	- categorias definidas a posteriori
- permissão para captar tendências amplas da comunidade	- permissão para captar valores sociais localmente estabelecidos nas relações
- coleta padronizada (entrevista sociolinguística)	- coleta etnográfica (observação participante, interações entre grupos)
- constituição da amostra em curto prazo	- constituição da amostra em longo prazo

Na pesquisa ora apresentada busca-se fazer uma análise mais apurada da relação entre os usos linguísticos e atividades sociais realizadas por cada indivíduo, suas relações com os diversos grupos, sua visão de mundo e expectativas de vida. Dessa forma esta pesquisa vai além da observação das comunidades de fala e passa a contemplar, mesmo de uma forma inicial, também comunidades de práticas. Essa variável foi observada com a codificação individual dos informantes, com o objetivo de encontrar outros elementos além dos inicialmente observados que pudessem explicar a escolha do falante pela variante da variável estudada.

3. Metodologia e análise dos dados

Nesse texto, discorre-se apenas sobre a variável <indivíduo>, em cada grupo de escolaridade (Fundamental e Média), embora a análise estatística tenha controlado outras variáveis linguísticas e sociais, mas que não serão tratadas no momento.

Os fatores da variável <indivíduo> são em número de 24, doze do nível de escolaridade fundamental (seis homens e seis mulheres) e doze de escolaridade média (também seis homens e seis mulheres), conforme discriminação abaixo:

Quadro 2: Informantes observados e níveis de escolaridade

FUNDAMENTAL	MÉDIA
A	M
B	N
C	O
D	P
E	Q
F	R
G	S
H	T
I	U
J	V
K	X
L	Z

3.1 Variável <indivíduo>

Após o controle do informante através da codificação e da análise estatística, fez-se análise e interpretação dos dados com confronto entre os resultados e as informações sobre os informantes captadas nas entrevistas, no que diz respeito a contatos com outras comunidades, tipos de trabalho, viagens etc., ou seja, dados sobre as comunidades de práticas desenvolvidas e vivenciadas por cada um no dia a dia. Esses dados foram previstos como potencialmente importantes na escolha da variante da variável observada na pesquisa.

3.2 Análise dos dados por indivíduo

Ao submeter os dados ao GoldVarb, programa de análise estatística, com a finalidade de entender a variação linguística, a variável indivíduo foi a única selecionada. Ao retirá-la das outras rodadas, outras foram selecionadas: <posição relativa>, <saliência fônica> e <escolaridade>, que não serão aqui tratadas.

Primeiramente, faz-se a análise do efeito das experiências de vida dos informantes de nível Fundamental, cujos resultados são apresentadas na tabela 1 e sumarizadas no gráfico 1.

Tabela 1: Análise do efeito da experiência individual dos informantes do Nível Fundamental sobre a concordância de número padrão no sintagma nominal

Fatores	Ocorrências/Total	%	P.R
Informante a	77/157	49%	.13
Informante b	62/178	35%	.13
Informante c	30/78	38%	.19
Informante d	116/153	76%	.54
Informante e	30/131	23%	.06
Informante f	55/116	47%	.22
Informante g	137/198	69%	.47
Informante h	54/100	54%	.32
Informante i	63/169	37%	.16
Informante j	58/184	32%	.13
Informante k	57/89	64%	.46
Informante l	104/220	47%	.21



- **Caraterísticas do resultado dos informantes com apenas Ensino Fundamental com maior peso relativo:**
 - d - pintor de parede que passou anos em São Paulo, trabalhando na agricultura, em grandes fazendas (10 anos)
 - viveu em Minas Gerais, também na agricultura (pouco mais de um ano);
 - gosta de ler, na entrevista demonstrou grande conhecimento geral.
 - g – estudou até a 5ª série, vendia anúncios para uma revista do DETRAN, durante um ano e oito meses;
 - pretende voltar a estudar, preocupa-se com a ‘linguagem correta’,
 - lê revistas, jornais, assiste a jornais de TV;
 - k – estudou até a 3ª série, foi a Brasília, a São Paulo, Aracaju, Recife, gosta de jornais de TV, assiste a novelas, já foi agricultora na juventude, parece ter uma vida tranquila financeiramente;
 - h – estudou até a 5ª série, foi ao Rio, a Salvador e outras cidades da Bahia, a passeio, conhece várias praias de Salvador e quer voltar a estudar.

Do nível fundamental, os que fazem menos concordância são:

- **e – pedreiro e carpinteiro;**
 - nunca saiu de Feira de Santana;

- **a – pedreiro; estuda ainda, mas demonstra não valorizar os professores nem as aulas;**
 - viajou apenas pelo interior do próprio estado;
- **b – jardineiro do CUCA (UEFS)**
 - trabalha também com sonorização;
 - viagens só para o interior do estado;
 - já foi agricultor.

A seguir, apresenta-se a análise das experiências dos informantes de nível médio, na tabela 2 e no gráfico 2.

Tabela 2: Análise do efeito da experiência individual dos informantes do Nível Médio sobre a concordância de número padrão no sintagma nominal

Fatores	Ocorrências/Total	%	P.R
Informante m	237/265	89%	.74
Informante n	232/243	95,5%	.89
Informante o	194/223	87%	.69
Informante p	99/122	81%	.57
Informante q	202/223	91%	.75
Informante r	202/209	97%	.91
Informante s	318/343	93%	.84
Informante t	129/140	93%	.83
Informante u	201/236	85%	.66
Informante v	241/275	88%	.68
Informante x	66/77	86%	.67
Informante z	171/203	84%	.60

- **Características dos informantes do nível médio com maior peso relativo:**
 - r – auxiliar de escritório; contador;
 - lida com finanças;
 - gosta de ter contato com o público, resolver situações com a conversa;
 - usa muito o computador (internet, pra pesquisa); gosta de TV (principalmente de jornais de várias emissoras, mostra-se muito informado);
 - já foi a Salvador e outras cidades do interior, mas nunca saiu da Bahia;
 - vai a shows, tem gosto eclético pra música: gosta de MPB, mas não gosta de pagode;
 - n – técnico em telefonia, representante de vendas, pesquisador do Estado, na área de saúde;
 - dois filhos universitários;
 - vai a cinema, gosta de filmes
 - vê TV, acessa a internet, se diz viciado nessa atividade;
 - conhece Minas, Sergipe, Alagoas, Rio, Pernambuco, dentre outros estados;
 - s – professora, trabalhou em vários colégios;
 - gosta de noticiários, reportagens, programas de TVE; é evangélica;
 - gosta muito de ler;
 - foi dona de uma escola e a dirigiu durante alguns anos
 - t – trabalhou em biblioteca durante trinta anos;
 - trabalhou na pesquisa e atuou como professora primária;
 - conhece o Rio de Janeiro, a Paraíba;
 - gosta muito de ler;
 - gosta do Jornal Nacional, do BA TV, e se interessa por saber das notícias;
 - gosta de interagir com as pessoas;
 - gostaria de ser assistente social.



- **Características dos informantes do nível médio com menor peso relativo:**
 - p – não chegou a concluir o nível médio, mas disse que os cursos que fez correspondem ao nível médio;
 - morou 3 anos em Aracaju, trabalhando;
 - foi comerciante, filho de dono de padaria; não se interessou em continuar os estudos;
 - viajou pra cidades do interior; foi a São Paulo algumas vezes rapidamente;
 - z – é agente penitenciário, em ala feminina, há 11 anos, cuida de 44 prisioneiras, foi o primeiro trabalho;
 - gosta de jornais, novelas, não gosta de festas;
 - gosta muito de ficar em casa, e de assistir a filmes;
 - só viajou dentro da Bahia;
 - quer voltar a estudar.
 - u – técnica de enfermagem há poucos meses, recepcionista há dezesseis anos;
 - não assiste a TV (falta de tempo); sedentária,
 - vive para os filhos;
 - nunca saiu de Feira de Santana

Do exposto, nota-se que, para a realização de mais marca de plural no sintagma nominal, são importantes as seguintes características dos falantes:

- O tipo de atividade profissional que desenvolve, se exige o padrão (mercado ocupacional); aqueles que exercem atividades que exigem o padrão fazem mais concordância;
- A saída da comunidade mais vezes e, assim, experiências exteriores (Peso relativo de concordância de .91 máximo e .06, o mínimo de concordância); aqueles que viajaram mais, não ficaram restritos à sua comunidade usam mais marcas de plural no sintagma nominal;
- Os que buscam melhorias educacionais (pretensão de estudos futuros) fazem menos variação na concordância no SN, ou seja, usam menos a variante zero;
- Os que se interessam por assuntos diversos, assistindo a jornais de TV, lendo etc. costumam fazer mais uso da marca padrão de concordância de número no sintagma nominal.

Uma questão que fica:

As diferenças encontradas entre os que tiveram experiência exterior à comunidade revelam que o vernáculo da comunidade não possui os morfemas redundantes de plural?

Considerações finais

No controle do <indivíduo>, esta pesquisa revela que os falantes que têm experiências como viagens, vivenciam ou tenham vivenciado empregos que contribuam para a ampliação de sua visão de mundo, gostam de ler e leem e assistem a jornais, têm pretensões de mais estudos fazem mais uso do plural no sintagma nominal. Com essa observação, a presente pesquisa revela a necessidade de se ampliarem os estudos sociolinguísticos da 'primeira onda', de forma a contemplar essas e outras experiências dos falantes, relacionadas a suas comunidades de práticas, não unicamente sua comunidade de fala.

Diante do apresentado, esta pesquisa acrescenta aos estudos da variação da concordância de número no sintagma nominal a importância

de serem buscadas novas explicações para a escolha das variantes pelos falantes. E não só quanto ao fenômeno observado neste texto, mas para quaisquer fenômenos variáveis, urge que se faça uma ampliação da análise sociolinguística, com novas formas de busca do entendimento dos fenômenos de variação linguística.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes. Variação linguística na Bahia: a língua portuguesa no semiárido baiano. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pellon de Lima; CARVALHO, Cristina dos Santos. (Org.) **Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro, sociolinguística paramétrica, sociofuncionalismo**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). **Variação linguística no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. (Projeto "A língua portuguesa no semiárido baiano")

FREITAG, Raquel Meiter Ko. Covariação em uma comunidade de práticas. In. LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia; OLIVEIRA, Josane M. (Org.) **Diferentes olhares sobre o português brasileiro**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Portal Feira de Santana. http://www.sppert.com.br/Brasil/Bahia/Feira_de_santana/

LABOV, William. **Building on empirical foundations**. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1982.

LABOV, William. **Modelos sociolinguísticos**. Tradução de José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

LOPES, Norma da Silva. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002. (Tese de Doutorado)

LOPES, Norma da Silva. **A fala baiana em destaque: a concordância nominal no português de Salvador**. Munchen: Peniope, 2011 (Études Linguistiques / Linguistische Studien, Band 6)

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.